

# INFORME PETROBRAS

## De Zé Ketí a Tom Jobim

José Carlos Avellar



**No centro, uma cadeira vazia** com um chapéu. Na roda de samba, Walter Alfaiate, Noca da Portela, Élton Medeiros, Monarco, Nelson Sargento, Guilherme de Brito, Delcio Carvalho, Zé Cruz, Jair do Cavaquinho, Colombo e Wilson Moreira relembram músicas de Zé Ketí. A câmera, discreta, nem entrevistas nem narração, vê e ouve com cuidado para não atravessar o samba.

Bom trazer à memória *Meu compadre Zé Ketí*, curta-metragem realizado há pouco mais de dez anos, para se perguntar se sua simplicidade não estaria na base do recente *A música segundo Tom Jobim*. Para se perguntar se Nelson Pereira dos Santos esboçou lá o que desenvolve aqui, a redução das figuras narrativas do cinema a um mínimo para obter um máximo de expressão. Um e outro, o filme curto de ontem e o filme longo de hoje, são documentários bem diferentes do modelo convencional de retratos de músicos. Ou, mais exatamente, são documentários diferentes, propõem novos modos de estabelecer uma relação entre a câmera e o fragmento de realidade diante dela.

Bom trazer *Meu compadre Zé Ketí* à memória também porque ele foi o primeiro filme entregue na primeira seleção do Programa Petrobras Cultural – para apoiar a produção de filmes de curta metragem, esboço de uma ação ampliada logo em seguida com a abertura de programas de incentivo à produção e à difusão de filmes de longa metragem. Para apoiar a produção de filmes longos, o mesmo processo adotado para incentivar a realização e difusão e a reflexão de cinema em torno do curta-metragem: uma comissão de seleção formada em sua quase totalidade por

profissionais de cinema, diretores, produtores, roteiristas, atores, técnicos, críticos, exibidores e distribuidores. Um realizador ou produtor selecionado numa comissão é convidado a fazer parte da comissão seguinte (mais tarde, representantes da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e da Secretaria de Comunicação da Presidência da República foram integrados às comissões). A distribuição de recursos em diferentes graus permitiu repartir o apoio entre diretores veteranos ou iniciantes, entre projetos de grande ou pequeno orçamento, e entre diferentes estilos narrativos e linhas de produção: documentário, ficção, animação. E, também, a inclusão de profissionais de diferentes regiões do país nas comissões de seleção permitiu abrir espaço para reforçar os centros de produção já constituídos e estimular o desenvolvimento daqueles ainda em formação.

No modo de formar as comissões de seleção o programa inaugurou um procedimento adiante adotado por outras empresas que destinam recursos para o patrocínio de obras de arte no Brasil: a constituição de grupos em que nenhum representante da empresa participa com voto e em que os representantes do governo são minoria: a escolha é feita por profissionais e artistas diretamente ligados à atividade. Vale assinalar que nos primeiros quatro anos do Programa, 114 profissionais de cinema participaram das comissões de seleção de produção e difusão de filmes curtos e longos e apoio a festivais de cinema.

## O cinema, talvez seja possível dizer assim, indica ao Programa como quer fazer cinema.

Além dos pouco mais de 20 títulos selecionados a cada ano pela comissão, dois outros projetos convidados: o Conselho do Petrobras Cultural encaminha um convite a um diretor estreante e um convite-homenagem a um diretor pelo conjunto da obra ou para a realização de um filme com as mesmas condições de produção dos projetos escolhidos pelas comissões de seleção. Nelson, o primeiro homenageado, foi também o primeiro a entregar um filme ao Petrobras Cultural. E, principalmente, entregou um filme que apontou, graças à originalidade de sua narrativa, um

traço essencial do Programa: ao chamar criadores e profissionais de cinema para compor as comissões de seleção, ao se dispor a uma posição de escuta, a Petrobras propiciou uma invenção cinematográfica fiel à tradição que desde há muito tem alimentado a produção brasileira, a tradição de um cinematografia de autor, de uma prática que resulta mais de um desejo de se expressar do que da existência de condições favoráveis para uma regular produção e distribuição de filmes. O Programa vem apoiando filmes curtos e longos, documentário e ficção, filmes de grande ou de baixo orçamento, de estreantes ou de diretores de filmografia mais ou menos extensa, de produtores dos principais centros de audiovisual do país ou de núcleos que pouco a pouco se tornam mais sólidos, pela regularidade ou pela originalidade de suas produções.

E, assim, o Programa tem simplesmente seguido a tradição que começou a nascer na metade do século passado, mais ou menos no instante em que Zé Ketí cantava *Rio, 40 graus* e Tom Jobim, *Orfeu da Conceição*. Se temos hoje uma cultura cinematográfica própria e uma produção de alguma regularidade e expansão, é porque isso nasceu do desejo de criar modos de produção e mecanismos de difusão adequados para a feitura e circulação de filmes que não buscam adaptar as histórias que querem contar a formas narrativas previamente existentes e de aceitação testadas entre os consumidores, mas, ao contrário, de filmes que procuram deixar que as histórias que desejam contar indiquem a forma narrativa a ser adotada. Não um cinema inspirado na ideia de gêneros, com conflitos, o comportamento dos personagens, o desenho do cenário e tudo o mais determinado antes mesmo da escolha do que se quer contar. Na tradição do cinema brasileiro o filme é, primeiro, um produto cultural, algo mais próximo de um protótipo, se observado a partir da lógica da produção industrial, um novo produto para ser testado no mercado. Convém reiterar, trata-se de seguir o caminho já percorrido e alargar a estrada para estimular, a partir de uma integração dos diferentes agentes do processo cinematográfico brasileiro, a difusão e o estudo das formas de expressão propostas em nossos filmes. Imaginemos *Meu compadre Zé Ketí* como antevisão de *A música segundo Tom Jobim*: nesse quadro o Programa se insere como uma tentativa de reduzir o caminho entre o curta-metragem de ontem e o longa-metragem de agora.

## Talvez seja possível compreender o que o cinema fez com a ajuda do Programa com uma breve consulta ao quadro da exibição comercial de filmes ao final dos quatro primeiros anos do Petrobras Cultural.



Mais da metade dos filmes brasileiros de longa-metragem exibidos entre 2004 e 2007 contaram com apoio do Programa para sua produção ou difusão. Nesse período a Petrobras apoiou a realização de 108 projetos e o lançamento comercial de 106 filmes de longa metragem. Ainda nesse mesmo período, patrocinou a realização de 126 projetos de filmes de curta metragem em película cinematográfica ou em mídias digitais e apoiou a difusão de 232 filmes curtos produzidos em 35 mm por meio de sessões compostas de um conjunto de filmes com duração entre cinco e trinta minutos em cinemas de diversas capitais.

Ao longo desses primeiros quatro anos, em que 108 projetos receberam apoio para a produção e 106 filmes ganharam incentivos para a distribuição, foram lançados comercialmente em salas de cinema 205 títulos brasileiros: 39 em 2004; 41 em 2005; 58 em 2006; e 67 em 2007. Esse gradativo aumento da presença de filmes brasileiros em salas de cinema nesse período, e em certa medida o aumento da produção, deve-se em boa parte à ação do Programa, desde a sua criação um importante aliado da atividade cinematográfica – e não apenas pelo apoio à produção e

difusão de filmes de longa e de curta metragem. Essa é a ação de maior impacto e visibilidade do Programa, mas o Petrobras Cultural não se limita a isso. Ele apoia ainda a realização de festivais de cinema e a preservação e restauro de filmes (e durante um breve tempo patrocinou também a publicação de ensaios históricos e críticos sobre cinema brasileiro). Desde o princípio, foi previsto como uma ação ampla: imprescindível complementar o patrocínio à produção com um simultâneo estímulo à investigação histórica e crítica para melhor situar o cinema como uma forma de expressão cultural. Sua ação, deste modo, não se expressa nem apenas nem principalmente em números, em dados como os citados acima. Tais dados só importam para uma comparação com os de hoje, quando produzimos mais e se exhibe maior quantidade de filmes em salas comerciais. O programa construiu-se como uma ação cultural, um gesto para ouvir o cinema dizer como ele quer fazer filmes. Os dois filmes de Nelson Pereira dos Santos sugerem que, entre outras coisas nossas, o cinema contemporâneo ao Programa quer se fazer como música (o que traz à memória o que Noel cantou em *Você é um colosso*: “Falou mal do samba / Pisou no meu calo”).

PROGRAMA  
**PETROBRAS  
CULTURAL**

 **PETROBRAS**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

95